

1.

12 de Abril de 2011

Importante notar que não encerraremos as discussões sobre o livro *Jamais Fomos Modernos*, de Bruno Latour, com todas as suas possíveis linhas de estudo e relações, em um único encontro. Também devemos ter claro que nossa relação com qualquer texto é sempre de relativo entendimento, parcial, num ir e vir de adensamento através das discussões.

Bruno Latour é francês. Em certa entrevista perguntaram a ele se o Brasil é moderno. Ele respondeu que o Brasil não deveria ter tal problema conceitual, se nem a Europa central, segundo ele, chegou a ser realmente moderna. No Brasil o projeto de modernidade nunca teria se imposto como na Europa, pelas condições de nossa forma civilizatória. Pelo autor ser francês, podemos ver que ele chama atenção para certos problemas que se acentuaram mais em sua região, em certa Europa central, como a crise enfrentada pelo pensamento moderno com a proliferação dos híbridos, quase-sujeitos, quase-objetos, que na América Latina não se deu da mesma forma.

Bruno Latour pertence a um circuito de leituras que nos interessa. Ele cita, inclusive, Viveiros de Castro. Ambos criticam certos aspectos de Lévi-Strauss.

A constituição moderna, ponto chave do pensamento de Bruno Latour, pode ser encontrada, de forma resumida, na página 137 do livro, primeiro parágrafo. Cabe alertar que tal constituição tem um alcance vasto e opera de forma astuta.

A tarefa básica da ciência moderna foi a divisão sociedade/natureza – a sociedade seria superior e a natureza, inatingível.

Os elementos abandonados entre esses dois polos (sociedade/natureza), os quase-objetos, os híbridos, são aceitos pela ciência moderna apenas para serem purificados, levados para um dos dois polos, categorizados e descartados em sua forma híbrida.

A ciência moderna acredita que pode descrever as sociedades naturais (comumente denominadas como primitivas) a partir de modelos ocidentais de pensamento, modelos teóricos de organização.

O conhecimento sobre a natureza e a sociedade, quando separados, criam a autonomia do discurso, como se ele fosse independente.

O apropriado seria procurar novos paradigmas, novas epistemologias para lidar com os objetos híbridos, e não purificá-los de seu aspecto híbrido para categorizá-los num dos polos.

Podemos ver o exemplo da ciência espanhola da época da colonização do México, que dividia as mestiçagens entre as etnias em 16 categorias mapeadas, tentando dar conta, assim, das enormes variações, com denominações fantasiosas ou discriminatórias.

As descrições da ciência moderna, clássica, procura catalogar e hierarquizar para mostrar que o mais próximo da natureza se encontra em maior desordem e, o mais próximo da sociedade e da própria ciência, em maior ordenação.

Um dos fundamentos da ciência moderna é a separação entre signo e coisa. Aparece, assim, uma dificuldade para lidar com a mescla, com os espaços em que signo e coisa estão próximos, como quase-objetos, quase-sujeitos. Evidentemente o signo não é a coisa, não se trata dessa obviedade, mas há regiões de mediação em que coisa e signo são e não são ao mesmo tempo. E tal situação indefinida é insuportável para o pensamento clássico.

A cultura, separada da natureza, é a própria concepção de cultura do pensamento centro-ocidental. A América Latina, por exemplo, viu suas cidades crescerem sob o influxo do positivismo, com instituições e pensamentos que buscavam categorizar e hierarquizar, separando povos, línguas, culturas etc.

A base de tais culturas centro-europeias é a separação entre signo e coisa – acentua-se o caráter abstrato da linguagem escrita, como se ela nada tivesse que ver com os objetos que ela designa.

A linguagem escrita enfatiza o digital, constituído por pontos de organização sucessiva e linear. O analógico, por outro lado, funciona por golfadas – por exemplo, gestos, movimentos, sons, sensações táteis, são exemplos de informação analógica.

O ponto, para um resumo rápido, é que o digital é mais afeito à organização por classificação e hierarquias do que o analógico.

O homem que apalpa uma pedra é um quase-objeto. E a pedra, um quase sujeito.

Qual a forma de desconstrução da oposição moderna natureza/sociedade? Segundo Latour, ir ao centro, ainda que tal palavra não seja a melhor, talvez, mas a questão é que fora dos polos, a meio-caminho, encontra-se a mediação, saída do sistema binário.

Só que as sociedades ditas modernas não conseguiram reunir em si as potências da natureza, o que, podemos dizer, citando Boaventura, é um desperdício de experiência.

A ciência moderna, com seu potencial criminoso, destrutivo, deveria voltar sua potência para o social, e essa é a grande dificuldade.

Segundo a ciência moderna, a natureza seria transcendental e a sociedade isolada em si. Os híbridos, que ocupam o espaço vazio, no meio, são aceitos somente para serem purificados e descartados.

O processo cultural, contudo, tem uma inteligência própria e, no caso da América Latina, tende a superar as falas políticas dominantes, de exclusão e separação.

Não são os elementos que participam da mescla o mais importante, mas a forma de combinação operada nessa mescla.